

# HIV/Sida vira t no distrito da M

Por CELESTE BIÉ

Muitos sabem que a única forma de evitar a contracção do HIV é o do preservativo ou abstinência sexual ou ainda fidelidade. Só que, curiosamente, muita gente ainda desafia estas regras de prevenção, o que facilita a propagação do vírus causador da Sida no distrito da Manhica, província de Maputo.

Na sequência disso, a pandemia do HIV/Sida está a tornar-se num drama de contornos imprevisíveis naquela região, onde as autoridades sanitárias reportam uma tendência acentuada de seroprevalência.

Quase todos os sectores relevantes da sociedade civil reconhecem a gravidade da situação, sendo incontestável que o caminho certo a seguir para contornar o alastramento desta doença incurável é o uso do preservativo ou a abstinência sexual.

A fidelidade também é um importante método de prevenção, mas para os extremos em que os níveis de propagação atingiram naquele distrito, ela só é aplicada em determinados casos.

Todas as evidências indicam que muitas pessoas dificilmente observam as supracitadas regras de precaução, o que deixa prever um futuro ainda mais complicado, apesar dos esforços visando fazer recuar os níveis de propagação do HIV naquela zona da província de Maputo.

A título de exemplo, nos hospitais reportam-se frequentes casos de mulheres que depois de diagnosticadas como seropositivas e instruídas a observar certas regras no seu comportamento sexual, surpreendem aparecendo grávidas, gerando uma certa desilusão para as autoridades

sanitárias, conforme relatos da directora distrital substituta da Saúde, Joana Nachaque.

Lembra-se que para casos de pessoas já contaminadas, já não se recomenda a fidelidade, sendo crucial a abstinência sexual e em último caso o recurso ao preservativo.

Outro aspecto que acentua as preocupações tem a ver com a incidência de casos de grávidas indesejadas, o que pressupõe que muita gente ignora absolutamente os métodos de prevenção, ou seja, não segue a via de abstinência, nem do preservativo e muito menos da fidelidade.

A directora da Saúde na Manhica, que nos descreveu este cenário, não avançou detalhes estatísticos, salientando apenas que a necessidade de tomar precaução contra a doença não constitui novidade para ninguém.

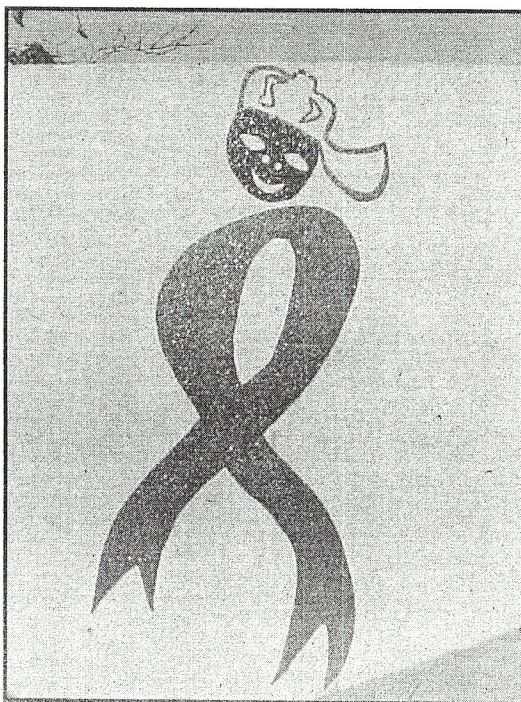
**"Todos sabem que a doença existe e o que devem fazer para evitar contrai-la. Mas o que nos surpreende é o facto de ocorrerem muitas situações que deixam crer que muitos não usam nenhum dos métodos recomendados"**, assinalou Joana Nachaque.

## ÓRFÃS EM DESOLAÇÃO

Na sequência disso, o número de crianças órfãs é elevado, contando-se já um total de 1.607 identificadas recentemente só numa aldeia rural do distrito e em alguns bairros da vila-sede, a maioria das quais vivem num cenário de absoluto martírio, na companhia de parentes dos pais.

Mas há situações mais deploráveis em que algumas órfãs não encontram apoio de familiares, enfrentando a vida à sua maneira.

Tal é o caso de três irmãos contactados pela



nossa Reportagem, que dificilmente conseguem enfrentar o quotidiano, feito de esquina em esquina, na tentativa de lograr a sua sobrevivência através do negócio informal.

Com um dos irmãos, o mais velho, já a caminho dos 18 anos, os três menores perderam o pai há três anos, em consequência de uma doença que eles desconhecem, mas que a Direcção da Acção Social refere ser Sida.

Desde então, a sua vida virou um drama, residindo actualmente num local improvisado, cedido por uma senhora de boa vontade. O

seu quotidiano é de extrema desolação, daí que o irmão mais velho, Alexandre dos Santos, optou por interromper o seu percurso estudantil para tentar batalhar pela sua sobrevivência e assegurar que pelo menos os mais novos, aparentemente de idades situadas entre 10 e 8 anos, consigam ir à escola.

Mas Alexandre dos Santos confessa ser extremamente complicado enfrentar a vida, porque dificilmente consegue alcançar rendimentos de relevo no negócio informal.

**"É por isso que tive mesmo que deixar de estudar. Já estava**

**a avançar nos estudos; consegui ir até à 7ª classe, mas porque a vida tornou-se muito complicada para nós, desisti. Neste momento dependemos só deste insignificante negócio"**.

O mais complicado para ele, conforme disse, é adquirir roupa e material escolar para os seus irmãos. É que os escassos rendimentos proporcionados, no seu pequeno negócio dificilmente cobrem as necessidades.

**"A única coisa que dá para conseguir é comida. Mas roupa e material escolar já não é possível, porque o negócio não dá grandes resultados, para fazer mesmo uma vida aceitável"**, relatou.

Antes de perderem seus pais, aqueles meninos tinham o necessário que se impõe para que uma criança tenha um futuro promissor. Alexandre, por exemplo, diz que estudava, era também um atleta e tinha perspectivas de prosseguir os seus estudos até ao nível superior. Um sonho que para já está adiado, dado que a prioridade é agora lutar pela sobrevivência.

As circunstâncias da vida obrigam-no a ter que, muito cedo, assumir o papel de chefe de família, numa altura em que devia estar a preparar-se para encarar melhor o futuro.

## DRAMA GERAL

A situação dos três irmãos é apenas uma amostra do drama da Sida naquela região, havendo, para além destes, muitas outras crianças cujos pais morreram em consequência desta doença e que vivem em condições deploráveis.

Aliás, numa zona um pouco recuada da vila da Manhica, encontramos mais quatro irmãos vivendo numa casa de construção

# Manhã gelada



precária, já em estado extremamente degradado.

Todos em idade escolar, estes menores sempre estiveram sob os cuidados da mãe, que o ano passado sucumbiu em consequência da Sida, deixando os filhos na miséria.

A mais velha entre estes irmãos vai completar 22 anos e abandonou os estudos para se dedicar aos irmãos, com 11, 13 e 16 anos de idade.

Agora operária da Açucareira da Maragra, segundo relatou Alberto Armando (um adolescente de 16 anos), a irmã mais velha é que tenta cobrir todas as necessidades da casa.

Mas, à semelhança dos irmãos Alexandre dos Santos, o dinheiro não chega para cobrir despesas escolares e por vezes até a comida lhes falta.

**"Temos muitos problemas escolares. Não temos dinheiro para comprar material e mesmo para comer, muitas vezes temos que desenrascar"**, contou Alberto Armando.

Celeste (de 20 anos), Anatacha (de 14), juntamente com seus irmãos de 8 e 3 anos de idade, são outras crianças que se tornaram órfãs por causa da Sida.

Mas para este caso, o drama não é tão extremo, pois encontram assistência da sua avó, Isaura Stói, que não obstante uma série de limitações, tenta dar a atenção necessária.

Contam que primeiro perderam o pai, ficando apenas com a mãe, que pouco tempo depois entrou em crise, abalada por uma doença complicada, que acabou lhe ceifando a vida.

A avó, de 60 anos, que agora assume os quatro órfãos, confessa uma série de dificuldades para lograr a sobrevivência, pois a doença que fez sucumbir a mãe também exigiu

enorme sacrifício em termos de dinheiro, na tentativa de encontrar a cura.

**"Todos vão à escola. Mas xii... estou a sofrer muito. Sou velha e também doente e, para além destes, tenho mais três netos gerados por uma minha filha que não consegue acertar casamento"**, assinalou, acrescentando ser um prazer viver com aquelas crianças, mas que gostaria de ter apoio em alimentos, roupa e assistência médica gratuita.

## HOMEM EM SITUAÇÃO DIFÍCIL

Também na vila de Manhã reporta-se o drama de um pai seropositivo, já em estado débil, cuja mulher morreu vítima da Sida.

É que o homem ficou com sete menores, encontrando-se agora num enorme dilema, entre conseguir sustentar a família e suportar o martírio da doença, que já o debilitou sobremaneira, deixando-o sem hipóteses de se lançar para o trabalho.

A directora distrital da Acção Social, Dora Nely António, que tem acompanhado o quotidiano desta família, descreveu a situação como sendo de extrema preocupação.

O pior é que as autoridades intervenientes no apoio social estão impossibilitadas de prestar qualquer assistência que vai para além de simples visitas de solidariedade, dado que não dispõem de fundos para o efeito.

Dora reconhece que a situação desta família, tal como das crianças que se tornaram órfãs em consequência do HIV/Sida, impõe que haja uma enorme intervenção das autoridades, para contornar o caos social.

Todavia, ao nível distrital não há condições para qualquer acção de assistência que vá para além da ajuda em material escolar para algumas crianças e do levantamento do número de necessitados.

Aliás, a nossa entrevistada adianta que a sua instituição teve que recuar um pouco no seu processo de levantamento da situação de órfãos, porque percebeu que a sua presença no terreno tem alimentado muitas expectativas nos visados.

**"Para não criar muita expectativa, paramos de fazer o levantamento, pois quando as pessoas nos vêem no terreno, alimentam a ilusão de que vão receber alguma assistência, o que não acontece"**, referiu.

## SITUAÇÃO ALARMANTE

Num distrito em que a Sida era quase ignorada, ao ponto de ser encarada como problema dos outros, esta doença assume hoje contornos alarmantes. A maioria da população já tem consciência dos efeitos devastadores desta pandemia, razão pela qual é altamente temida.

Com efeito, em muitas zonas do distrito reportam-se casos de pessoas que, depois do diagnóstico positivo, entram em pânico e chegando a casa preferem suicidar-se.

Há um mês, por exemplo, foram reportados quatro casos de enforcamento, cuja informação chegou às mãos das autoridades locais, concretamente do Núcleo Distrital do Combate ao HIV/Sida.

Segundo o coordenador daquele núcleo, Abílio Amosse, o estado de saúde das quatro pessoas ainda não tinha atingido níveis de preocupação. Todavia, eles sentiram-se constrangidos, sobretudo por saber que terão que suportar uma doença que não tem cura.

**"Eles eram apenas seropositivos. Mas o seu estado físico e de saúde ainda ostentava um bom aspecto. Estavam ainda saudáveis, mas não suportaram o facto de saber que sofriam de uma doença insuperável"**, assinalou Abílio Amosse.

Todos eram jovens, sendo que um deles manifestou-se imediatamente chocado na porta do Gabinete de Testagem Voluntária local, quando acabava de receber os resultados do exame.

Apercebendo-se do risco, os activistas seguiram o jovem até à sua residência, onde insistiram em vão no sentido de não se sentir desolado, dando esperança de que ele teria uma longa vida.

Mas, dias depois, o jovem não conseguiu superar o pânico, acabando por se suicidar com uma corda, deixando um bilhete no qual dizia que optara pela morte precipitada para evitar arrastar o seu drama para toda a família.

É que, no seio da opinião pública local, generalizou-se a ideia de que ser diagnosticado seropositivo é o mesmo que ser sentenciado à morte.

Assim, muitos seropositivos dificilmente conseguem superar o trauma, porque transportam a ideia de que uma pessoa doente de Sida é cadáver ambulante.

## ESTIGMATIZAÇÃO

Outro aspecto em volta desta matéria tem a ver com o facto de a doença ser sempre relacionada com a prostituição, o que alimenta a ideia de que as pessoas contraem o vírus como consequência de uma vida desregada.

Assim, ser doente de Sida em Manhã é algo que tira prestígio, para além de gerar indignação, daí que uma simples suspeita de que alguém padece desta doença é suficiente para ser isolado por amigos e

parentes.

Esta situação tem constituído um enorme dilema para as autoridades da saúde no distrito, pois que o fenómeno atinge já proporções de gravidade, ao ponto de ocorrerem casos de abandono de doentes no hospital, para além de dificultar a questão do tratamento anti-retroviral.

Aliás, a directora distrital substituta da Saúde, Joana Nacheque, diz haver dificuldades em conduzir o tratamento, pois que para administrar anti-retrovirais é crucial que os doentes tenham assistência de um parente ou alguém que seja seu confidente.

Só que o que ocorre em frequentes vezes é que algumas pessoas aparecem na companhia de alguém, mas depois voltam sozinhas alegando que os companheiros ou companheiras desistiram.

Na sequência disso, alguns doentes sucumbem sozinhos, havendo outros que mesmo reunindo uma carga viral ideal para seguir o tratamento anti-retroviral, não tomam o medicamento porque ninguém quer acompanhá-los ao hospital, para assimilar as instruções da medicação.

**"Pedimos aos doentes para que tragam uma pessoa confidente que lhes possa apoiar no tratamento, porque este medicamento impõe certas regras, que sozinho o doente dificilmente consegue seguir. Só que frequentes vezes eles dizem que não têm ninguém, havendo casos em que trazem só nos primeiros dias, para depois aparecerem sozinhos"**, relatou a directora substituta.

Manhã é um dos distritos com elevados níveis de propagação do vírus do HIV. Nos primeiros meses deste ano, as autoridades sanitárias reportaram um total de 1507 seropositivos, dos quais 240 morreram.